

Carta semanal 30 (2018): Se você pensa que a educação é cara, imagine a ignorância



Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**

Notícias muito importantes da península coreana. Os chefes de governo da Coreia do Norte e do Sul concordaram não apenas que “a era da não-guerra começou”, mas eles apresentaram uma série de propostas para fortalecer os laços em toda a península. Os exercícios militares terminarão, os mísseis serão desativados,

as minas serão desenterradas, as linhas rodoviárias e ferroviárias ligarão as duas metades da Coreia, e as Coreias do Norte e do Sul farão uma oferta conjunta para sediar os Jogos Olímpicos de Verão de 2032.

Ninguém poderia ter antecipado a velocidade desses desenvolvimentos. Pairando em torno dessas negociações está a China, que encorajou a Coreia do Norte a fazer concessões (e prometeu investir pesadamente em sua fronteira com a Coreia do Norte – uma área que é o próprio sebo de metal da China). Os Estados Unidos – por outro lado – não foram tão claros, com sinais contraditórios sobre seu desejo de manter sua enorme presença militar na Coreia do Sul (30 mil soldados dos EUA) e no Japão (50 mil soldados dos EUA). Os Estados Unidos são o principal impedimento para a paz na península. A China, sabiamente, disse que o futuro das negociações de paz é da Coreia do Norte, Coreia do Sul e Estados Unidos. Como as duas Coreias concordam com a desmilitarização, o peso fica agora com os Estados Unidos.

Quando as duas Alemanhas se reuniram em 1990, a URSS estava à beira do colapso e a Alemanha Oriental tornou-se efetivamente uma colônia da Alemanha Ocidental. Nada se compara a situação que prevalece na península coreana hoje. A China incentivou a Coreia do Norte a partir de uma posição de força. É improvável que a Coreia do Norte se torne um enteado do Sul (o **primeiro dossiê** – em março de 2018 – do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social foi sobre a crise na península coreana).

A foto acima – Família 2 – é do gravurista coreano Oh Yoon (1946-1986). Foi feito em 1982, quando a Coreia do Sul foi governada por uma ditadura militar. Será que o artista esperava um dia pela reunificação da Coreia? Durante a ditadura, os estudantes sul-coreanos emergiram como uma das principais forças de mudança, exigindo o fim do regime militar (como na Grande Luta Democrática de Junho de 1987) e ajudando a construir o novo movimento sindical. Essas lutas colocam a questão da reunificação da península na mesa. Os estudantes devem se sentir gratos pelo trabalho político que fizeram para nos levar até este ponto.

O mesmo deve acontecer com o povo coreano. Se alguém for ganhar um Prêmio Nobel da Paz, que seja o povo da Coreia que sofreu como reféns virtuais durante essa longa Guerra Fria.



Não há dúvida de que os movimentos estudantis nos diversos países desempenharam papéis importantes no aprofundamento da democratização em nossas sociedades. A Desordem Natural da Juventude – como os revolucionários estudantes franceses escreveram em 1968 – permite aos jovens imaginar outras formas de organização social, sonhar com um mundo melhor do que o que herdaram de seus pais. Mas, globalmente, o ataque à educação pública e à liberdade dos estudantes tem sido acentuado. A ponta de lança aqui tem sido o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e outras instituições semelhantes que pressionaram para desmantelar a educação pública e destruir a função da aprendizagem – que deveria ser desenvolver a mente, não preparar os jovens para serem trabalhadores.

Minha **reportagem** desta semana começa no meio dos protestos de estudantes em Paris (França) e Cidade do México (México) e Bogotá (Colômbia). A violência contra os estudantes tornou-se tão comum. Na Universidade Jawaharlal Nehru (Nova Deli, Índia), a chapa da Esquerda Unida venceu as eleições estudantis por uma maioria considerável. Os estudantes do bloco fascista entraram no campus e agrediram os estudantes de esquerda violentamente (**incluindo** nossa pesquisadora do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**, Satarupa Chakraborty). É para envergonhar o governo indiano quando a ministra da Defesa Nirmla Sitharaman **sugere** que os estudantes estavam “travando uma guerra contra a Índia”. Sonhar com uma sociedade melhor não é travar uma guerra contra o país; é a essência do patriotismo. Há algo de estranho nessa linguagem usada contra os alunos.

Estranho também arruinar as esperanças dos estudantes e constrangê-los cortando o financiamento público e aumentando os incentivos para a privatização da educação. Minha reportagem pergunta: “O que significa em

nosso tempo ser jovem e esperançoso? Onde os jovens podem falar sobre ideias e imaginar mundos melhores? Espaços públicos têm sido cada vez mais controlados por corporações, enquanto as faculdades foram transformadas em fábricas de empregos. Este é o recinto da mente, o sufocamento da humanidade. Precisa ser mais disputada – mais faculdades, mais imaginação – a desordem natural da juventude, um anseio por um mundo sem querer”.

Uma atitude progressista em relação à educação insiste que os alunos não são apenas habilidades ensinadas (como na educação profissional), mas que podem crescer na mente e no coração – que envolvem sua sociedade, entendem suas limitações e contradições e desenvolvem seus experimentos para superar essas restrições.

Se você acha que a educação é cara, pense na despesa da ignorância.

O governo do Conselho de Planejamento de Kerala montou um **site** para coletar suas sugestões sobre como a educação poderia parecer – eles gostariam que você compartilhasse seus pensamentos imaginativos que se situam além do horizonte do que pode ser visto agora. O Conselho de Planejamento quer suas “ideias/soluções inovadoras, sustentáveis e práticas” que abordarão os desafios enfrentados por Kerala e o resto de nós.



Mês passado, em Buenos Aires (Argentina), observei estudantes e professores lutarem para defender seus direitos da educação. A Argentina é um dos poucos países onde a educação da creche até a universidade é paga pela riqueza social acumulada. Há, no entanto, imensos problemas com o sistema educacional, com a qualidade da educação em grave necessidade de melhoria. Afetados por uma crise econômica que é de responsabilidade das elites argentinas, e não de seus trabalhadores, foram os últimos a serem solicitados a pagar a conta com cortes na educação pública. Isso era impensável para os estudantes e suas famílias. Semanas de greves desafiaram a economia pobre do governo e insistiram que estratégias alternativas fossem encontradas.

Minha **reportagem** no *Newslick* acompanha esses desenvolvimentos. O mesmo acontece com a equipe do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** em Buenos Aires, cujo coordenador é fotografado acima com seus alunos em uma sala de aula ao ar livre na Praça de Maio. A equipe produzirá um dossiê que está na pauta da agenda do FMI, que ameaça drenar as finanças públicas da Argentina. Será lançado em novembro.

Típico de um Estado de direita ignorar as questões urgentes da educação e da harmonia social e enfatizar as ideias xenófobas. O estado argentino, que dispensou os estudantes, continua a atormentar os trabalhadores mais vulneráveis – mais recentemente os vendedores ambulantes senegaleses, muitos dos quais venderam as bandanas verdes usadas pelos milhões da Argentina para demonstrar seu apoio à lei do aborto. A liderança do Movimento dos Trabalhadores Excluídos (MTE) saiu às ruas para defender esses trabalhadores e foram presos.

Este é uma estratégia comum da direita:

- em Bangladesh, Shahidul Alam documenta um protesto estudantil, é preso e permanece na prisão;
- na África do Sul, Sbu Zikode (do Abahlali baseMjondolo) defende os moradores de barracos, é ameaçado de morte e precisa se esconder;
- na Argentina, Juan Grabois, Rafael Klejzer e Jaquelina Flores defendem os trabalhadores vulneráveis, são presos e são mandados para a prisão (eles foram libertados).



Na última década, o pesquisador senior Fellow P. Sainath do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** escreveu sobre as atrocidades em Yvatmal (Maharashtra), onde os agricultores enfrentam um ataque químico de inseticidas. Um relato da maldade foi documentado pelo **relatório** investigativo de três partes de Jaideep Hardikar no **People's Archive of Rural India** de março deste ano. O veneno é exportado para lugares como a Índia pela firma suíça Syngenta. Também é exportado para o Brasil, **onde onze pessoas morrem por dia por causa dos venenos**. A ONU diz que 200.000 pessoas morrem por ano devido a esses “pesticidas

obsoletos” (como o paraquat). No ano passado, dois Relatores Especiais da ONU – pelo direito à alimentação (Hilal Elver) e tóxicos (Baskut Tuncak) **pediram** um Tratado Global sobre Tóxicos – especialmente sobre pesticidas venenosos e fertilizantes.

Esta semana, o grupo de investigação suíço Public Eye divulgou um **relatório** sobre a guerra química contra os agricultores de Maharashtra. A Public Eye sugere que a Syngenta seja responsabilizada pela venda deste fertilizante químico agressivo. O fertilizante não só envenena o meio ambiente, mas também é usado pelos agricultores para cometer suicídio quando eles caem em dívidas impossíveis.

Há uma fotografia no relatório que me paralisou. É de um livro de contabilidade guardado quando o fazendeiro compra o fertilizante. Quando o agricultor indica a compreensão de seus perigos, é necessária uma assinatura. Um número obscuro de fazendeiros não pode ler e escrever. Eles marcam o livro com a impressão do polegar. O estado não está mais preocupado com a alfabetização. Os agricultores estão à mercê das castas dominantes, muitas das quais usam sua própria alfabetização como meio de tirar proveito de trabalhadores agrícolas analfabetos e pequenos agricultores da venda de bezerros à compra de safras. Os trabalhadores agrícolas e os pequenos agricultores estão à mercê dos grandes proprietários de terras, dos agiotas e das empresas de agronegócios monopolistas. Tenha em mente que, no Ocidente, a Syngenta tem um Programa de Bolsa de Verão para jovens ansiosos que querem uma carreira em ciências agrícolas. Nenhuma comunhão ou educação para os agricultores.

A pressão está na Suíça. A última linha do relatório é clara: “a venda do produto deve ser descontinuada”.

A foto acima é do relatório do Public Eye. Ele mostra duas crianças em um campo aberto. “Uma vez que os pesticidas foram usados”, o relatório documenta, “os recipientes em que foram vendidos são reciclados para outros fins. Eles costumam ser usados para transportar bebidas ou lavar a água. Vemos crianças usando recipientes de pesticidas com triângulos de alerta vermelhos se lavando ao ar livre. Nós vemos recipientes usados para pesticidas tóxicos pendurados em portas de latrinas e em cozinhas. Eles estão em todos os lugares”.

Os fazendeiros de Yavatmal contraem empréstimos para comprar esse veneno. Eles estão – como uma classe – em dívida. Muitos agricultores cometem suicídio. Outros morrem das toxinas. A Syngenta vale US\$ 43 bilhões.



Hoje – 21 de setembro – Nandita Das lança seu novo filme – *Manto* – baseado na vida e literatura do grande escritor Saadat Hasan Manto (1912-1955). No **blog** do *LeftWord Books*, Nandita responde a algumas perguntas sobre seu filme. Dois anos atrás, Nandita nos ajudou com um **livro** que fizemos sobre os escritos de Manto sobre socialismo e cinema. Desejamos sorte a Nandita com o seu filme e esperamos que aqueles que ainda não leram o *Manto* aproveitem esta oportunidade para o fazer.

Nossa foto desta semana – abaixo – é da muralista mexicana, comunista e fundadora da Liga dos Escritores Revolucionários: Aurora Reyes Flores (1908-1985). Esta artista brilhante entendeu claramente a importância da educação. Ela lutou para que os filhos dos professores tivessem creches, para que seus pais não se preocupassem com eles enquanto ensinavam os filhos dos outros. Este é o 50º aniversário da rebelião

estudantil mexicana de 1968. Aurora Reyes foi uma participante ativa nessa revolta, pela qual ela foi procurada pela polícia. Ela se escondeu em um hospital psiquiátrico.

Cordialmente, Vijay.

PS: você pode encontrar todas as cartas semanais anteriores em nosso site, bem como nossos dossiês, documentos de trabalho e outros materiais. Para assinar esta carta semanal em inglês, espanhol, português ou francês, visite o site (clique **aqui** para inglês, clique **aqui** para espanhol).



